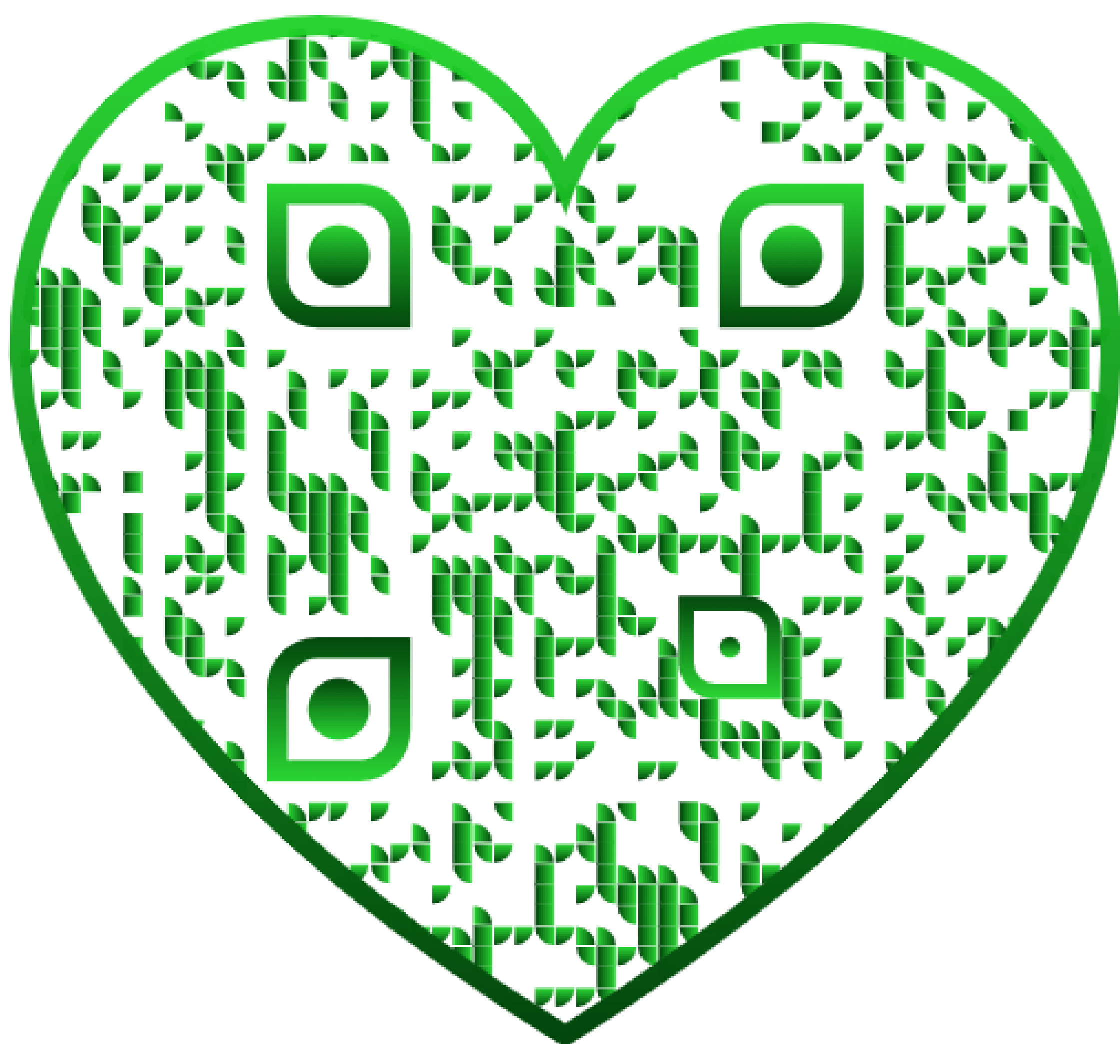
Biblioteca Virtualbooks

LIVRO DE RESENHAS

PROFESSOR
IVAN CARLO
(GIAN DANTON)



****

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.virtualbooks.com.br

Copyright© 2000/2004 Virtualbooks
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 383 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG
Todos os direitos reservados. All rights reserved.

****

INTRODUÇÃO

As resenhas são um fruto típico do desenvolvimento da imprensa. Até há pouco séculos, a quantidade de livros publicados era tão pequena que não era necessária a figura de alguém que indicasse quais livros eram bons e quais não eram. Como a melhoria da tecnologia de imprensa, a situação se inverteu: eram tantos livros lançados que pouquíssimas pessoas tinham condições de separar o joio do trigo. Assim, o trabalho dos resenhistas se tornou essencial. Eles não deveriam apenas dizer que livros eram bons, mas também explicar para qual público eles se destinavam. Afinal, o melhor livro de culinária é inútil para quem não gosta de cozinhar.

Com o tempo, surgiram algumas tentativas de esquematizar a produção de resenhas. Um dos esquemas mais famoso é expresso por Eva Maria Lakatos e Maria de Andrade Marconi, autoras de livros sobre metodologia científica.

Para elas, uma boa resenha deveria ter os seguintes elementos:

1 – Referência bibliográfica completa

O resenhista deve colocar todos os elementos bibliográficos, na ordem dada pela ABNT, se for uma resenha científica. No caso de uma resenha literária, bastam o título do livro, o nome do autor e a editora.

2 – Credenciais do autor

Informações sobre o autor, em especial sua formação universitária, títulos e livros publicados.

3 – Resumo da obra (digesto)

Aqui se resume as idéias principais do autor. É aconselhável que dê uma visão geral da obra, e haja um aprofundamento de um capítulo.

4 – Conclusões da autoria

Qual é a tese do autor? O que ele quer provar com seu livro? A que conclusões ele chega?

5 – Metodologia

Qual foi a metodologia utilizada pelo autor? O texto é apenas um ensaio, ou é resultado de uma pesquisa de campo? Sua pesquisa é qualitativa ou quantitativa?

6 – Quadro de referências do autor (paradigma)

Qual é o paradigma no qual o autor sustenta suas idéias? Cada área de conhecimento tem seus paradigmas específico. Nas ciências sociais, por exemplo, há o paradigma marxista, o positivista/funcionalista, o estruturalista...

7 – Crítica do resenhista

Esse é o momento em que o resenhista faz sua análise da obra. Qual a sua importância? Que contribuição ela traz para o seu campo de estudo. Como é a linguagem do autor? Simples, clara, complexa, rebuscada? O livro aprofunda os assunto estudados?

8 – Indicações do resenhista

A quem se destina a obra? Quem poderia se interessar por ela? O leitor precisa ter algum tipo de conhecimento prévio para compreender o livro?

Essa divisão didática deu a muitos a idéia de que uma resenha deveria ser feita na forma de tópicos. Na prática, a maioria dos autores produz um texto contínuo, que apresenta os elementos básicos de uma resenha. E mesmo esses elementos são discutíveis. Já li ótimas resenhas que não tinham todos os elementos descritos acima.

Talvez esses elementos possam ser resumidos a outros mais básicos: a referência bibliográfica, as informações sobre o autor, o resumo da obra, a crítica e a indicação.

A indicação provavelmente é o elemento mais importante. Ela consiste exatamente em dizer para quem aquele livro é indicado.

A crítica deve ser feita levando isso em consideração. Ou seja, um bom livro é aquele que alcançou os objetivos do autor. Se o autor pretendia escrever um livro infantil, esse objetivo foi alcançado? A linguagem é a correta? A história é interessante? As crianças vão gostar? Muitos resenhistas se esquecem disso e criticam um livro pelo que ele não pretendia ser.

Um bom exemplo disso é o autor norte-americano Stephen King. Muitos resenhistas criticam seus livros por eles não serem alta literatura. Ocorre que King nunca pretendeu escrever alta literatura. Ele quer apenas escrever histórias divertidas e interessantes sobre pessoas normais em situações incomuns. Critica King por não produzir alta literatura é como criticar o navio por não voar.

A imparcialidade é impossível, mas ao fazer uma resenha, o resenhista deve abstrair-se e imaginar o que pensaria o leitor deste ou daquele livro. Mesmo que eu não goste de histórias policiais, ao fazer a resenha de um livro policial, devo me imaginar um fã de romances policiais e fazer a crítica a partir desse norte.

Foi esse exercício de abstração que procurei fazer quando escrevia resenhas. Durante dois anos produzi, semanalmente, resenhas para os jornais Diário Marco Zero e O Liberal Amapá, além dos sites Digestivo Cultural (www.digestivocultural.com.br) e Esfera (www.esfera.net). Foram análises de livros que iam da mais simples e prazerosa diversão a obras técnicas.

Este livro é a reunião de algumas das melhores resenhas produzidas no período.

Espero que elas tenham interesse não só pela demonstração de como se faz uma resenha ou pelas indicações que faço, mas também pela qualidade literária. Afinal, por que não pensar a resenha como um gênero literário, que pode provocar prazer estético por si próprio?

LIVROS DE NÃO-FICÇÃO

A maçã de Isaac Newton

POSKITT, Kjartan. Isaac Newton e sua maçã. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Quando Isaac Newton completou 12 anos, a mãe, sem saber o que fazer com aquele filho esquisitão, que não se adequava ao trabalho da fazenda, mandou-o para a cidade e para a escola. No povoado, Newton ficou na casa de um boticário, Sr. Clark.

O pequeno Newton não se interessava muito pelos estudos, que consistiam, basicamente, em aprender gramática latina. Além disso era o alvo predileto do enteado do Sr. Clark. Uma vez em que este lhe chutou a barriga, Newton decidiu ir à forra. Deu uma grande surra no rapaz e esfregou seu nariz num muro. E tomou uma decisão: a partir daí seria o melhor da turma em latim. E não só isso. Seria também o melhor em tudo o que pudesse.

Não há dúvidas de que ele conseguiu. Assim que se formou em Cambridge, em 1665 e 1666, ele fez algumas das maiores descobertas de todos os tempos e elaborou a teoria que serviria de paradigma para a ciência durante séculos e só seria suplantada pela teoria da relatividade. Em dois anos ele elaborou o teorema do binômio, as tangentes, a lei da gravidade, o cálculo diferencial, as cores e o cálculo integral.

É justamente a história desse gênio que o livro "Isaac Newton e sua maçã" conta. Escrito de forma muito divertida por Kjartan Poskitt e ilustrado por Philiph Reeve, o volume faz qualquer um se interessar pelas descobertas de Newton, mesmo quem nunca teve muito interesse por física ou matemática (como é o caso deste Colunista).

Com a ajuda de histórias em quadrinhos, ilustrações e muitas metáforas, Poskitt e Reeve fazem com que conceitos complicadíssimos como, o cálculo diferencial, pareçam coisa de criança.

Para não chatear o leitor, os autores entremeiam as explicações científicas de fatos históricos e curiosidades sobre a vida de Newton. Entre elas o fato de que Newton simplesmente não divulgava suas idéias. O livro reproduz um diário imaginário de Newton em que ele teria

escrito, em julho de 1965: "Acabei de inventar a técnica matemática mais útil do mundo, mas não vou contar para NINGUÉM!".

Esse era o velho Newton que, além dessa tinha outras excentricidades, como espetar o olho ou ficar horas olhando para o céu na tentativa de descobrir como se formavam as cores (ele quase ficou cego, mas descobriu que as cores não eram um junção de preto e branco, como acreditavam os antigos).

Para explicar o que é aceleração constante, o livro sugere que o jovem leitor faça uma experiência hilária (sempre com a supervisão dos pais, claro). Para fazer a experiência são necessários um avião grande, com uma porta imensa, um elefante com velocímetro, um cronômetro, um binóculo e esfregão e baldes enormes.

Quando estiver a milhares de metros acima do solo, jogue o elefante do avião, ligue o cronômetro e observe pelo binóculo. Você irá constatar que a velocidade aumentará 10 metros a cada segundo. Duas coisas afetam a aceleração constante. Uma delas é o ar, que, devido ao atrito, diminui a velocidade do elefante, especialmente se ele abrir as orelhas. A outra coisa é o chão... bem, é aí que você vai precisar do esfregão e do balde...

Há quem acredite que se deva divulgar ciência da maneira mais séria possível. Para essas pessoas, contar detalhes curiosos da vida de Newton seria um verdadeiro sacrilégio.

Nada mais falso. Ao contar pequenos detalhes interessantes da vida de um cientista, o autor mostra ao público que cientistas também são humanos e que a ciência não está separada de nossa vida. Pelo contrário, tudo à nossa volta se relaciona, de alguma maneira com descobertas e teorias científicas.

A importância do livro de Poskitt está justamente aí, em mostrar que a ciência pode ser um tema divertido e interessante.

Agora, se você ainda está se perguntando o que uma maçã tem a ver com tudo isso, é bom ler o livro rapidinho.

O humor da Belle Époque

SALIBA, Elias Thomé Saliba. Raízes do riso. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Existe uma linha dos estudos históricos que tem como filosofia usar os produtos culturais criados pela sociedade para estudar e compreender uma certa época. É o que faz Elias Thomé Saliba, em Raízes do Riso, recentemente lançado pela editora Companhia das Letras. O volume analisa a representação humorística na época da Belle Époque brasileira.

Elias Thomé Saliba é professor livre-docente na USP. É autor do volume 3 da História da Vida Privada no Brasil, "A Dimensão Cômica na Vida Privada na República".

O livro parece, para um leitor desavisado, uma simples coletânea de piadas, mas passa longe disso. É, na verdade, um estudo aprofundado da cultura e da história brasileira. Saliba não quer apenas mostrar o riso nacional, mas demonstrar que o que esse riso tem de brasileiro.

A preocupação com a questão da identidade é revelada logo no início, quando é contada uma piada na qual um francês, um inglês e um alemão são convidados a escreverem sobre o camelo.

O francês vai ao Jardim Botânico, fica por lá meia-hora, conversa com o guarda, joga pão ao camelo, cutuca o bicho com a ponta do guarda-chuva e, ao voltar para casa, escreve um folhetim cheio de observações picantes e espirituosas.

O inglês prepara-se para a aventura e organiza uma expedição ao Oriente, onde passa três anos e produz um grosso volume, repleto de fatos, mas sem ordem ou conclusão.

Quanto ao alemão, tranca-se num quarto e lá produz uma obra em vários volumes intitulada "A Idéia do camelo deduzida da concepção do Eu".

Saliba arrisca deduzir como o brasileiro reagiria ao desafio: adiaria indefinidamente o estudo, iria para a praia, tomaria uma cerveja e, depois de muito conversar com os amigos sobre o camelo, comporia um samba intitulado "Eu não sou camelo não".

É justamente compreender essa essência do brasileiro, através do humor, que Saliba pretende com seu livro.

Como o volume é resultado de um trabalho científico, antes ele passeia pelas principais definições do que vem a ser humor.

A mais famosa é a do filósofo Henri Bérgson, segundo o qual o cômico nascia do contraste entre os elementos mecânicos e vivos. Como se vê, uma definição muito influenciada pelos fatos ocasionados pela revolução industrial. Os desajustes entre as mudanças e as reações das pessoas a elas estão na base do humor. Exemplo disso é a cena, comum em muitos filmes mudos, da pessoa que se empenha de pequenas ocupações cotidianas, mas as coisas foram embaralhadas ou trocadas de lugar: mete a caneta no tinteiro e sai cola, acredita sentar-se na cadeira e cai. Em suma, age em decorrência de um ritmo ou hábito adquiridos e não consegue se adequar às mudanças.

Uma definição talvez mais interessante seja a de Luigi Pirandello. Para ele, o risível tem suas bases, na época da revolução industrial, nas imprevisíveis rupturas de realidade.

Para ele, o riso nasce da percepção do contrário. Como exemplo, temos uma velha que se pinta, veste-se como moça e pinta os cabelos. Ao vê-la, temos a percepção de que ela não é nem uma velha respeitável, nem uma moça, e dessa percepção do inusitado da situação, surge o riso. Mas o riso também nasce de um sentimento de superioridade.

Entretanto, para Pirandello, a percepção do contrário pode transformar-se num "sentimento do contrário" no momento em que aquele que ri procura conhecer os motivos pelos quais a velha procura mascarar sua velhice. Nesse momento há uma percepção, por parte daquele que ri, de que também ele pode ficar velho e fazer o possível para reconquistar a juventude perdida. Nesse momento, o riso se transforma em sorriso. O cômico se transforma em humor. Para passar de um para outro, é necessário renunciar ao distanciamento e à superioridade.

Exemplo disso é Dom Quixote. Suas atitudes são cômicas, mas Cervantes o descreve como se também ele, Cervantes, fosse um pouco Quixote.

O escritor russo Nicolai Gogol também apresenta essa guinada. Seus personagens são cômicos, desajeitados, perdedores, mas Gogol se compadece deles. É o riso entre lágrimas.

Para Pirandello, essa característica do humor poderia ser usada para conscientizar o público, leva-lo a rever suas próprias premissas e preconceitos. Não é à toa que o conceito de obra aberta, de Umberto Eco, valoriza tanto o humor.

Essa capacidade de conscientização e de crítica social do humor vai ser

explorada do Saliba. Raízes do Riso trata da Belle Époque porque foi uma época que no Brasil o humor tornou-se a principal forma de protesto contra os desvios da República. Os humoristas, que sonharam com a abolição e o regime republicano, viam seus sonhos transformarem-se em pesadelo (na verdade, o Brasil passou da monarquia direto para a ditadura militar, sem qualquer transição democrática). Os intelectuais do período eram chamados de mosqueteiros da sátira, ou Dom Quixote da comédia.

Em nossa época, de disputa eleitoral, vale a pena resgatar uma dessas reflexões críticas sobre o pleito. De autoria de Guimarães Passos e publicada originalmente no semanário O Filhote, o poema abaixo narra as desventuras de um brasileiro de sotaque lusitano num dia de eleição e mostra que público e privado sempre foram inseparáveis na democracia brasileira:

José, natural das Ilhas,
que fala cerrado e grosso,
disse anteontem para as filhas:
votem o diavo du almoço!

Beijam se andam mais dipressa!
Bamos! Preciso cumer,
Porque a eleição já cumeça;
Quero cumprir meu deber!

A amásia dele, mulata,
Acode: Que é, seu Zezinho?
Jesus! Este home me mata...
Pro que é que sai tão cedinho?

E o Zé, palpando a barriga:
Tenho presssa d'almuçar!
Saiva você, rapariga,
Que o seu home bai botar!

E ela: Você botar? Iche!...
Seu Zezinho, tome nota!
Não caia n'algum espiche:
Há tanto tempo não bota!

Revista do Rádio

FAOUR, Rodrigo. Revista do Rádio. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 2002.

Houve um tempo em que famílias inteiras se postavam na frente do rádio para ouvir músicas, novelas e informações. Para se ter uma idéia da popularidade do rádio na primeira metade do século passado, na virada dos anos 40 para a década de 50, apenas 30% da população brasileira tinha geladeira, mas 70% possuía um rádio. Na verdade, o rádio havia crescido em uma progressão geométrica desde a instalação das primeiras rádios no Brasil, na década de 30 e se firmou definitivamente a partir de 31 de dezembro de 1942, quando a Rádio Nacional passou a ser irradiada do Rio de Janeiro para todo o país.

Nessa época, mágica para muitos, havia uma grande curiosidade sobre as estrelas do rádio (ou cartaz, como se dizia na época). Afinal, os fãs só conheciam a voz dos seus ídolos. Para saciar a curiosidade dos fãs surgiu a Revista do Rádio, durante muito tempo uma das publicações mais famosas do Brasil. Para não deixar essa época se perder no limbo do tempo, a editora Relume Dumará e a Secretaria de Cultura da prefeitura do Rio de Janeiro trazem a público um livro sobre o assunto.

Revista do Rádio, de Rodrigo Faour conta toda a trajetória da publicação desde sua origem até os tempos de decadência, quando o rádio foi suplantado pela televisão. No total foram 22 anos de sucesso. A revista chegou a ficar tão famosa que se tornou marchinha de carnaval, na voz do palhaço Carequinha: "Ela é fã da Emilinha/ Não sai do 'César Alencar'/ Grita o nome do Cauby – Cauby!? E depois de desmaiar/ Pega a revista do Rádio/ E começa a se abanar".

A cabeça por trás da Revista do Rádio era Anselmo Domingos. Homem tímido e educadíssimo, católico apostólico, Anselmo tinha seu nome ligado ao veículo. Desde pequeno ele escrevia programas para a Educadora. Mais tarde, tornou-se diretor artístico da Tamoio, parte do complexo de comunicação de Assis Chateaubriand. Na rádio, ele inovou fazendo novelas religiosas com a vida dos santos que bateram todos os recordes de audiência. Mas seu sonho era fazer uma revista que falasse dos astros e não fosse vinculada a nenhuma emissora. Mas não tinha dinheiro. Todos os antropólogos que se debruçaram sobre a cultura nacional encontraram como traço facilmente reconhecível: o jeitinho. A história da Revista do Rádio comprova isso. Quem acabou arranjando o financiamento para a criação da revista foi um banqueiro, José Batista,

conhecido como China da Saúde, que comprava músicas e entrava como co-autor.

O primeiro número da revista saiu em fevereiro de 1948, custava três cruzeiros e foi um sucesso imediato. Em 1949 ela já vendia 50 mil exemplares. Em 1950 já se tornava semanal. A razão disso estava na forma diferenciada como a nova publicação tratava o mundo do rádio. Antes existiam outras publicações sobre o assunto, como A Carioca, A Noite Ilustrada, A Noite e A Manhã, mas todas funcionavam como órgão oficial de divulgação da Rádio Nacional, pertencente ao governo. Ou seja, eram o que se chama no meio jornalístico de revistas de releases. A nova publicação, ao contrário, divulgava todas as rádios e de forma mais autônoma, agradando a um público mais amplo.

Segundo Faour, a revista tinha os ingredientes certos para agradar ao público dos anos 40/50: "Não bastassem as informações em geral sobre a vida pessoal e artística das celebridades do momento, havia 'fuxicos' e um pouco de apelação em suas manchetes para atingir em cheio a curiosidade do povão". As seções da revista comprovam isso. A seção "Ficha completa", por exemplo trazia informações sobre os artistas na forma de pequenas frases. Como exemplo, a ficha (resumida) de Agnaldo Rayol:

"Seu verdadeiro nome é Agnaldo Coniglio Rayol. Usa pasta dental colgate e sabonete cinta azul. Tem a mania de morder os lábios. Seus pratos prediletos: nhoque e vatapá. Dorme de calção. Em casa adora andar de chinelos. Adora o nome Sueli."

Como se vê, as informações (totalmente fúteis) eram organizadas na forma de fichário, daí o nome da seção.

A "Eu sou assim" era dividida em duas colunas: "Eu gosto" e "Eu não gosto". Para uma pergunta dessas, nenhuma resposta poderia ser melhor do que a dada pela cantora Stelinha Egg, especializada em canções folclóricas: "Eu gosto de tudo que é belo e não gosto de tudo que feio".

A seção "Entrevista Teco-teco" trazia um perfil dos artistas, com suas opiniões sobre assuntos recentes. As perguntas eram do tipo: que marca de automóvel você prefere? O que você acha de tal moda? Respostas muito interessantes deu a cantora Dolores Duran em entrevista publicada 15 dias antes de sua morte:

"Que marca prefere: o Cadillac ou o Chevrolet Belair? - Prefiro saber a

'marca' de quem está dirigindo.

"Qual o seu número da sorte? – É exatamente o que vem contido dentro de um certo envelope no fim do mês."

A seção "24 h na vida de um artista" mostrava o dia-a-dia dos artistas, ilustrado com foto. Detalhe: o dia-a-dia muitas vezes era inventado pelos redatores. Exemplo disso foi a matéria dedicada a Ademilde Fonseca. Depois de acordar às 7h30, tomava banho, escovava os dentes. Depois, alegre e jovial, a cantora saía em passeios pelo bairro de Higienópolis. De carro ou de lambreta, Ademilde matava o tempo enquanto aguardava a hora de regressar a casa. Ao lado, uma foto da cantora posando ao lado de uma lambreta.

Entrevistada por Faour, a cantora declarou: "Eu nunca andei de lambreta, mas realmente tomava banho frio todo dia". Outra seção curiosa era a "Minha casa é assim". Nela, os artistas mostravam suas casas, um vexame comparado ao que vemos hoje em revistas como Caras. Mesmo a classe média não tinha um padrão alto de vida e bens de consumo eram pouquíssimos. Quando um artista tinha carro, esse fato era bastante destacado nas matérias como forma de demonstrar o status do mesmo.

Se a seção "Minha casa é assim" revela as diferenças econômicas do Brasil da década de 50 para o atual, a seção "Pergunta da semana" revela as diferenças culturais. Em setembro de 1952, por exemplo, a revista perguntou aos artistas qual a melhor profissão para mulher.

Joana D'Arc, da rádio Tupi, respondeu, "A de esposa, porque é o mais belo cargo e o que a mulher pode exercer com facilidade e segurança".

Saint Clair Lopes (que fazia a voz do personagem Sombra), respondeu: "Qualquer profissão serve para a mulher, desde que ela não abdique de seus direitos de dona do lar, a dona da casa".

Mas o grande sucesso da revista foi a seção "Mexericos da Candinha". A partir dela, Candinha virou sinônimo de fofoqueira. Qualquer coisa era assunto para uma fofoca: o valor gasto por uma cantora no ar-condicionado, uma festa dada por uma celebridade do rádio, a magreza de uma atriz, a suspeita de infidelidade conjugal...

Eis alguns exemplos do veneno da Candinha:

"Esse Humberto Teixeira tem cada uma! A última foi uma festa que ele

promoveu lá nos cafundós da Gávea, perto da Vista Chinesa, uma festa de noite, até de madrugada, e onde rolou tudo! Basta dizer que lá pelas tantas a ordem era reviver os tempos de Adão e Eva! E olhem que muita gente boa estava presente... Esse Humberto!

"Vocês já repararam que a Dalva de Oliveira não despreza um crucifixo de ouro que traz sempre ao pescoço? Eu quis saber dela quem deu a linda cruz, Dalva disse que não podia dizer. É um segredo que ela levará para o túmulo – e nada mais adiantou.

"Maysa e Ângela continuam se odiando cordialmente.

"O prato predileto do Cauby é feijoada. Mas nem assim ele engorda. Pesa 60 kg com roupa e tudo!"

Claro que isso eram tempos passados, quando raramente o editor de uma revista ou jornal era processado. Hoje isso seria impossível. Mas os artistas da época tinha outra forma de se vingar: fazendo música. A primeira delas saiu em 1963 e foi gravada pelo comediante Moacyr Franco. A segunda, mais famosa, é de 1965 e foi gravada por Roberto Carlos:

"A Candinha vive a falar de mim em tudo
Diz que sou louco, esquisito e cabeludo
E que eu não ligo para nada
Que dirijo em disparada (...)
Mas a Candinha já está falando até demais
Porém ela no fundo saber que eu sou um bom rapaz
Sabe bem que essa onda é uma coisa natural
E eu digo que viver assim é que é legal
Sei que a Candinha vai comigo concordar
Mas sei que ainda vai falar..."

O autor, Raimundo Faour, é jornalista formado pela PUC/ RJ. Tem trabalhado como critico musical, além de ajudar diversas gravadoras a recuperarem seu acervo. É autor do livro "Bastidores: Cauby Peixoto: 50 anos da voz e do mito". Assina coluna na revista Muito Prazer sobre músicas da MPB que tratam de amor e sexo. Sua especialização em música antiga o faz o autor ideal para o projeto. Além disso, o estilo usado por ele no livro lembra o que era usado na própria Revista do Rádio. Uma das características desse estilo: cada parágrafo termina com uma pergunta retórica ou com uma exclamação, do tipo: "Que mimo!", "Não é mesmo?", "Vocês não concordam?". Ou seja, é como se o leitor estivesse tendo contato com a própria revista.

Revista do Rádio é um bom livro não só para quem é fã da época aura do rádio, como também para os interessados em história das comunicações no Brasil.

A escrita

JEAN, Georges. A escrita: memória dos homens. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

No século XII, um monge cristão escreveu: "Se não sabes o que é a escrita, poderás crer que a dificuldade é pequena, mas se quiseres uma explicação detalhada, deixa-me dizer-te que o trabalho é penoso: ele embaralha a visão, encurva as costas, esmaga o ventre e as costas, aperta os rins e deixa todo o corpo doendo (...) Como um marinheiro que volta, enfim, ao porto, o escriba rejubila-se ao chegar à ultima linha". É precisamente sobre o ofício de escrever, tão valorizado quanto penoso, que trata o livro "A Escrita - memória dos homens", de Georges Jean, coleção descobertas.

O livro traz uma visão histórica da escrita das primeiras tentativas à modernas rotativas, capazes de imprimir milhões de palavras por minuto.

O leitor poderá acompanhar a aventura da descoberta da escrita e compreender como esta evoluiu do icônico ao simbólico. Um exemplo da escrita cuneiforme (praticada na Suméria antiga) demonstra bem como se deu esse processo. A mulher era representada por um triângulo cortado, em analogia ao púbis. As montanhas, por três montinhos. A união dos dois signos deu origem ao vocábulo "mulher das montanhas", ou seja, escravas do sexo feminino.

Ao mesmo tempo em que os sumérios desenvolviam a escrita cuneiforme, os egípcios criavam os hieróglifos, considerados por Jean os verdadeiros poemas visuais dadas as suas qualidades estéticas. O mesmo se poderia dizer dos pictogramas chineses, tão belos, que eram considerados obras de arte e até hoje são expostos como quadros.

Para além da dimensão estética, há a dimensão fantástica. Hieróglifo significa, literalmente, escrita dos deuses. A escrita parece ter sido, sempre, encarada como uma espécie de dádiva divina e os escribas vistos como detentores de poderes mágicos. "Dominar a escrita é deter os meios de conquistar o mundo", disse Sartre. Na Babilônia, os escribas chegavam a ser mais poderosos que os reis, e na China a

invenção da escrita foi creditada a um Imperador, Huang-Che, que teria vivido no século XXVI a.C. Dizem as lendas de que ele se arrependeu, e chorava toda noite.

Se não é a invenção mais terrível, como acreditava o Imperador chinês, é certamente, uma das mais importantes. De fato, só existe História a partir do momento em que surge a escrita. É a partir dela que o homem começa a registrar os fatos cronologicamente, que passa a estabelecer regras jurídicas, contratos de compra e venda e de casamento. É através dela que ficam eternizados os hinos religiosos, contos históricos, máximas de moral, poemas de amor e épicos.

O livro vai dedicar grande espaço à questão da reprodução da escrita.

Na Idade Média, a única forma de conseguir um livro era mandar fazê-lo em um mosteiro por monges copistas. Logo no início do catolicismo, usava-se o papiro organizado em rolos chamados volumen, que apresentavam diversos inconvenientes: eram caros, frágeis e só se podia utilizar uma de suas faces.

A utilização de um novo suporte, o pergaminho, vai modificar completamente a arte manuscrita e, segundo a midiologia de Régis Bedray, permitir ao cristianismo se espalhar por toda a Europa. O pergaminho era conseguido através do tratamento da pele de carneiros, bezerros, cabras ou gazelas. Havia o velino, de qualidade superior, obtido através da pele de bezerros recém-nascidos ou natimortos.

As peles eram mergulhadas em cal e depois limpas de qualquer vestígio de pêlo ou carne. Antes de colocá-las para secar em grades, eram polvilhadas de gesso, que absorvia os restos de gordura. Eram então raspadas com uma espátula.

Diante de um pergaminho, o monge copista deveria poli-lo com uma pedra-pome a fim de retirar manchas e impurezas, e criar uma superfície propícia à absorção da tinta. O pergaminho, mais resistente que o papiro, permitia a costura de várias folhas, o que ficou conhecido como codex. Também possibilitava a utilização da pena de ganso, melhor de trabalhar que o antigo caniço.

O trabalho de copiar textos era tão monótono que alguns monges se punham a ilustrá-los. Com o tempo, isso se tornou um atrativo a mais e alguns copistas especializaram-se em fazer apenas figuras ou capitulares, letras iniciais geralmente escritas em ouro.

Tudo isso mudou com a invenção da imprensa. Johannes Gutemberg, supostamente o inventor da técnica, jamais usufruiu de seus lucros. Afundado em dívidas, teve todo seu equipamento apreendido por um dos sócios.

Se Guteemberg não ficou rico, outros ficaram. Na época havia uma grande demanda por livros, demanda essa que os mosteiros não conseguiam satisfazer. Em pouco tempo, um livro impresso tinha qualidade tão boa que alguns o confundiam com os manuscritos. Até mesmo ilustração e capitulares eram acrescidas à obra para lhe dar valor. A imprensa surge imbuída de espírito renascentista. Fontes como a Garamond Romano eram consideras tão perfeitas em termos de proporção quanto o homem desenhado por Da Vinci.

A invenção da rotativa deu um passo a mais e tornou o processo de reprodução tão rápido que deu origem à imprensa popular. Marco dessa fase é o lançamento, em primeiro de julho de 1846, de dois jornais cuja assinatura custava a metade dos outros. Le Siècle e La Presse saiam a 40 francos anuais, ou seja, 10 centavos por cada exemplar. Vinte anos depois surgia o Le Petit, a cinco centavos o exemplar. Daí para a frente, a imprensa só evoluiu e, mesmo com a invenção de outras mídias, nunca perdeu seu espaço privilegiado de difusora de idéias.

O livro de Jean é perfeito para quem quer se aprofundar no conhecimento dessa invenção tão controversa. Repleto de ilustrações, no formato de bolso e diagramação arrojada, o volume é agradável aos olhos. O texto é profundo, mas não acadêmico e agradará tanto professores e estudantes de letras quanto leigos. É gostoso de ler, além de essencial. Afinal, conhecer melhor a evolução das palavras ajuda a escrever melhor e, como dizia Pascal, "saber escrever bem é saber pensar".

Elegia ou exorcismo, o ato de escrever será sempre mágico. Senão como explicar que um escritor possa fazer rir ou chorar, possa promover a esperança ou desespero?

Os 100 maiores cientistas

SIMMONS, John. Os 100 maiores cientistas da história. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

Quais são os cientistas mais importantes de todos os tempos? É a essa pergunta que John Simmons pretende responder no volume Os 100 Maiores Cientistas da História, lançado recentemente pela editora Difel.

É uma tarefa ingrata, pois, por melhor que seja a seleção, sempre faltarão nomes importantes. Entretanto, o resultado é muito positivo, pois nos dá um volume com a biografia de 100 pessoas que contribuíram para o crescimento dessa forma de pensar e ver o mundo chamada ciência.

Simmons sabe do que fala. Há mais de quinze anos ele escreve para a revista Current Biography, para a qual produz textos sobre os ganhadores do prêmio Nobel em ciência. Foi escritor e produtor da série Mind, um program de TV Educativo.

O livro, apesar do tamanho (mais de 500 páginas), é uma leitura rápida e agradável, pois é possível ler os capítulos com as biografias separadamente, sem seguir qualquer ordem. O livro é, assim, perfeito, para quem gosta de ciência e quer conhecer um pouco melhor a vida dos grandes cientistas.

E o leitor médio vai acabar se surpreendendo com fatos curiosos sobre as vidas dos cientistas. Ele saberá, por exemplo, que Newton, ao morrer, deixou mais de um milhão de palavras sobre misticismo e alquimia e que, em 1952, Einstein recusou a oferta de se tornar presidente de Israel.

O leitor médio também conhecerá figuras pouco exploradas pela mídia, mas que tiveram grande importância para o avanço da ciência. Entre eles, Lucrécio, um filósofo epicurista, anterior a Cristo, que lançou as bases da teoria atômica. Saberá, por exemplo, que Lucrécio tinha seis princípios básicos, entre os quais:

1 - O mundo é composto de átomos, que estão em constante movimento;

2 - Os objetos, que podem ser vistos e tocados, são feitos de diferentes tipos de átomos;

3 - A mente nasce e deverá morrer; não existe vida após a morte; a imaginação do inferno é uma projeção do sofrimento passado na Terra;

4 - A superstição é derivada da ignorância.

Para os que têm uma noção um pouco mais aprofundada da ciência, o divertido é descobrir as omissões. E são muitas, a maioria inexplicáveis. Por exemplo: Freud está na lista (é o sexto), mas Jung não.

É possível defender o autor se acreditarmos que a ênfase é sobre cientistas das áreas de exatas e naturais, mas mesmo assim ainda é possível encontrar omissões incompreensíveis. Um exemplo gritante é John von Newman. Ele é creditado como autor cibernético, criador da teoria dos jogos e inventor do computador. Ora, na cibernética temos um autor mais importante que ele, Norbert Wiener. Quanto aos computadores, é inexplicável a ausência de Alan Turing na lista. Sobre a teoria dos jogos, John Nash, ganhador do prêmio Nobel de economia (e inspiração para o filme Uma Mente Brilhante) também é uma ausência inexplicável.

No campo da lingüística, Noam Chomski aparece, mas a lista omite Ferdinand de Saussure e, principalmente, Charles Pierce. Ambos foram criadores da semiótica e tiveram uma influência muito mais duradoura.

Nenhum dos cientistas da chamada Teoria do Caos entra na lista, o que é mais do que uma injustiça. A Teoria do Caos é um novo paradigma, que está mudando completamente a maneira como vemos o mundo e tem tido influência em campos tão distintos quanto a medicina e a economia. Minha aposta para a lista, para representar os teóricos do caos, seria o matemático polonês Benoit Mandelbrot, o criador da geometria fractal.

Além do interesse óbvio de conhecer um pouco mais sobre as mentes que fizeram nossa civilização, há um outro, descobrir padrões na história de todos eles. O próprio autor nos dá algumas pistas na introdução, ao dizer que, "Com alguma exceções - Michael Faraday, a mais conhecida - nenhum deles nasceu num ambiente de pobreza. Na verdade, vieram de origens abastadas ou lares de bom nível, em que a busca de valores intelectuais era altamente apreciada. A maioria, em Os 100 Maiores Cientistas da História, era prezada e encorajada por seus pais e, ainda criança, teve inúmeros passatempos, como colecionar isentos, observar pássaros, aprender álgebra ou cálculo e construir".

Ou seja, a grande lição do livro é que, mesmo a melhor mente não se desenvolve se não tiver estímulo tanto material quando intelectual. Não é de admirar, portanto, que os maiores gênios surjam em países ricos. E que o Brasil não tenha um único representante na lista. Quantas e quantas crianças poderiam ser grandes gênios da ciência, mas se perdem em meio à pobreza, más condições de vida, fome e falta de

qualquer estímulo intelectual. Se esse quadro, tão comum no Brasil, não for mudado em breve, talvez em pouco tempo não entremos nem mesmo na lista dos 1000 maiores cientistas.

Os anos de chumbo

GASPARI, Élio. A ditadura escancarada.

O golpe militar de março de 1964, que começou como uma ditadura envergonhada, firmou-se a partir de 1968, com a instalação do AI-5. Mas foi a partir da tortura que a ditadura se escancarou. Foi o mais duro período da mais longa ditadura militar brasileira. É justamente sobre esses anos de chumbo que Élio Gaspari trata no novo livro da série Ilusões Armadas. A Ditadura Escancarada vai do AI-5 ao fim da guerrilha do Araguaia, em 1974.

O livro é uma mistura de reportagem histórica com ensaio filosófico. Gaspari explica que a tortura foi instalada no Brasil sob desculpa de que havia um movimento terrorista que deveria ser combatido a todo custo. Era necessário conseguir confissões para destruir a teia subversiva. E, como disse um bispo na época, confissões não se consegue com bombons.

O terrorismo foi apenas desculpa para encrudescimento do regime. Em comparação, só no segundo semestre de 1970 explodiram 140 bombas nos EUA, mais do que todas as bombas explodidas no Brasil no período. E, em nenhum momento nos EUA a tortura foi considerada um método legítimo de se conseguir informações.

A tortura traz resultados rápidos e eficientes, mas a grande custo. Seu uso exige dois tipos de agentes. No primeiro degrau estão aqueles que se beneficiam da tortura, mas não sujam as mãos. Ministros, presidentes, generais usam as informações conseguidas através da tortura para dizimar seus adversários políticos. No degrau de baixo estão os torturadores, que precisam ser incentivados a praticarem atos de barbarismo. No Brasil, esse reconhecimento vinha na forma de promoções e, ironicamente, da Medalha do Pacificador, o mais alto grau do Exército. O tenente Ailton, que dava aulas de tortura nos quartéis, recebeu a sua em 1970. O delegado Fleury que, quando não estava torturando presos políticos, usava seu tempo livre trabalhando para o tráfico de drogas, ganhou sua medalha em 1971.

A grande lição de A Ditadura Escancarada é que o uso da tortura é um círculo vicioso. Começa-se usando-a para acabar com o terrorismo. No final, os próprios torturadores tornam-se também eles terroristas. É que a repressão violenta à subversão traz inegáveis vantagens ao degrau inferior e, quando o degrau superior decide acabar com ele, a "tigrada" não aceita. Foi o que aconteceu na Argélia, em que o governo francês deu permissão para que o exército usasse a força contra terroristas que queriam a independência do país. Quando De Gaulle quis retomar o poder, os militares se organizaram em um grupo terrorista e mataram mais de cinco mil pessoas. No Brasil, a linha dura da ditadura, quando percebeu que perdia poder, voltou-se também ela para o terrorismo. Prova disso foi o atentado no Rio-Centro, que teria matado dezenas de pessoas, não fosse a incompetência da tigrada, que se dava melhor com paus de arara do que com bombas.

Elio Gaspari é a pessoa apropriada para escrever a história desse período. Na época em que ainda era repórter, foi entrevistar o general Golbery do Couto e Silva, fundador do SNI e ideólogo do regime. Logo percebeu que estava diante de um figura-chave da Ditadura. Como desculpa para voltar outra vez, pediu um livro emprestado, sobre o assunto da matéria. Tornou-se amigo do militar até sua morte e ganhou dele um arquivo com vários documentos importantes. Também era amigo do general Ernesto Geisel, com os quais conseguiu muitas das informações que constam nesses volumes. Além disso, leu tudo que se publicou sobre o período e fez um arquivo de 30 mil fichas. Tal trabalho de pesquisa faz com que esse livro, assim como os outros dois da coleção, seja essencial para compreender os anos de chumbo.

O apocalipse anunciado nas estrelas

GLEISER, Marcelo. O fim da terra e do céu: o apocalipse na ciência e na religião. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Em 1681 Increase Mather, presidente do Havard College, emitiu um sermão cujo título era "Alarmes celestes para o despertar do mundo ou um sermão em que se argumenta que os terríveis sinais e aparições celestes que agora vemos são prenúncio de grandes calamidades". O objetivo do sermão era fazer com que a congregação se arrependesse de seus pecados, pois os sinais celestes do fim, de acordo com profecias de textos bíblicos, de Ezequiel a Zacarias, já estavam nos céus.

É justamente essa relação entre os fenômenos astronômicos e as profecias de apocalipse, tanto na ciência quanto na religião, que Marcelo

Gleiser pretende investigar em seu livro, "O fim da Terra e do Céu". Exemplos não faltam. O próprio Mather relaciona vários. Segundo Cometography, uma coletânea de todos os cometas observados, publicado em 1683, uma estrela ardente foi vista nos céus, trazendo um terremoto, guerras, peste, escassez absoluta e a morte de um imperador e um papa. Isso no ano de 984.

Em 1005, a aparição de um cometa foi seguida de uma terrível epidemia de peste que persistiu por três anos. Em alguns locais, segundo Mather, algumas pessoas tombavam mortas enquanto cavavam sepulturas para enterrar seus mortos.

Até a era moderna a maioria das pessoas relacionava a aparição de cometas com eventos trágicos. Esses eventos celestes eram enviados por Deus para comunicar sua ira aos pecadores. Assim, até mesmo para cientistas como Isaac Newton, os cometas eram fenômenos sobrenaturais e não naturais.

Na Idade Média, pouco depois do ano 1000, os fenômenos astronômicos foram encarados como indícios de uma nova era. De fato, uma série de modificações tinham início.

A expansão do comércio fez com que um grande número de camponeses migrasse para as cidades, provocando uma rápida degradação das condições higiênicas nos burgos.

Foi quando surgiu a epidemia de peste bubônica. Vinda possivelmente da Ásia e se alastrando facilmente pela cidades européias em decorrência da falta total de saneamento e de higiene pessoal, ela matou um terço da população européia, 25 milhões de pessoas, ficando conhecida como peste negra.

Os cadáveres se acumulavam mais rapidamente do que era possível enterrá-los. Os cadáveres eram recolhidos por carretas puxadas por burros. Os gritos de "Tragam seus mortos" eram o som mais ouvido nas cidades européias da época.

Não faltaram, então, pessoas que identificassem no céu sinais de que a peste era uma punição divina. O cronista Giovanni Villani escreveu em 1348 que a peste se devia ao aparecimento de um cometa na constelação de Virgem. Os indícios de que se tratava do fim do mundo aumentou em muito o número de flagelantes. Esse grupo de fanáticos religiosos havia surgido em 1260, na Itália. Para eles, o fim estava próximo e a única forma de fugir do castigo inexorável era através da

dor física auto-imposta, necessária para a purificação da alma. Centenas, às vezes milhares de pessoas vestidas com túnicas brancas com enormes cruzes vermelhas estampadas atrás e à frente chegavam em um vilarejo incitando os moradores a seguirem o cortejo caso quisessem ser salvos das chamas do inferno. Ele então faziam um círculo na praça principal e davam início a um ritual de autopunição, utilizando chicotes de couro com dentes de ferro, que faziam o sangue jorrar das feridas abertas.

Na época da peste as feridas dos flagelantes aceleravam ainda mais a disseminação do bacilo assassino.

Marcelo Gleisser, doutor pelo King College (Inglaterra) e professor de física e astronomia no Dartmouth College (EUA) coleciona em seu livros diversos casos semelhantes e tenta uma explicação muito próxima da antropologia e filosofia.

Para ele o ser humano é assombrado pela consciência de que sua existência terá um fim.

Todos os nossos esforços têm sido no sentido de driblar essa irreversibilidade do tempo e nos tornarmos imortais. Todos fazemos algo que preserve nossa breve presença nessa existência na memória das pessoas. Alguns têm filhos, outros elaboram teoremas matemáticos, outros escrevem textos na internet...

Segundo Gleisser, nos rituais religiosos, por exemplo, nós procurarmos imitar Deus na tentativa de ser como ele e compartilhar de sua imortalidade: "Quando suspendemos a passagem do tempo, quando nos tornamos imortais como os deuses, a vida e a morte passam a coexistir, e os mortos podem então caminhar ao lado dos vivos. Para isso criamos o infinito e o eterno, dedicando-nos de corpo e alma à nossa fé, qualquer que ela seja. A fé consola e justifica".

Como resposta à fragilidade e transitoriedade da vida humana, nós voltamos nossos olhos para o céu. Se os deuses falam através dos corpos celestes, descobrir a forma como esses agem é decifrar a linguagem dos deuses. "De Platão a Einstein, muitos dos maiores filósofos e cientistas de todos os tempos dedicaram-se ao estudo dos céus, não apenas por razões práticas, mas numa tentativa de elevar a mente humana para aproximá-la do Criador", escreve Marcelo Gleiser.

O resultado dessa busca ao mesmo tempo maravilhosa e aterradora, o leitor confere no livro de Gleiser.

Livro desvenda o mistério dos Incas

O IMPÉRIO Inca. São Paulo: Time-life e Abril Coleções.

Uma grande quantidade de pessoas conhece tudo sobre a história da Europa ou dos EUA, mas desconhece completamente a histórias dos povos que nos deram origem. Para os que se ressentem dessa falha, uma boa pedida é o livro O Império Inca, lançado recentemente pela Time Life Livros e pela Abril Coleções.

A civilização Inca sempre intrigou os estudiosos. Afinal, o povo andino conseguiu criar um dos impérios mais importantes e extensos do mundo sem conhecer a roda. Os incas formaram uma das sociedades mais complexas e bem estruturadas de todos os tempos, com uma hierarquia rígida e um sistema social em que nenhum integrante do império jamais passava fome, mesmo nos períodos de seca, terremotos ou outras catástrofes naturais.

O exército era muito bem estruturado, com guerreiros que pareciam não sentir medo.

E no entanto, todo esse império foi vencido por menos de duzentos homens comandados por um analfabeto.

Para compreender a derrocada dos Incas é importante conhecer as circunstâncias políticas da época em que Francisco Pizarro (um filho ilegítimo sem nenhum estudo que fora para a América em busca de fortuna) chegou aos Andes.

No período em que os primeiros europeus começaram a saquear a América, os Incas eram governados por um grande guerreiro chamado Huayna Capac. Pouco tempo depois ele morreu, provavelmente vítima da varíola, uma doença trazida pelos espanhóis.

Junto com o Sapa Inca (que era como se chamavam os governantes desse povo) morreu seu sucessor e dois irmãos começaram a lutar pelo trono. Huascar (gentil colibri) foi eleito pelos nobres em Cuzco, mas o exército, acampado em Quito, preferia Atahualpa.

Embora Anahualpa reconhecesse o irmão como o novo Sapa Inca, Huascar desencadeou a crise exigindo a presença de seu irmão em

Quito. Desencadeou-se uma sangrenta guerra, que Huascar foi derrotado e aprisionado.

Quando Pizarro chegou no Peru, o grande Império estava, assim, debilitado por guerras e pela varíola.

O espanhol acampou com seus poucos homens na praça principal de Cuzco. Os guerreiros que os esperavam eram tantos que uma testemunha da época escreveu que os espanhóis ficaram apavorados.

Pizarro convidou o Sapa Inca a visitá-lo. O Imperador, achando que apenas um punhado de homens não poderia inspirar um perigo real, deixou seu exército fora da cidade e compareceu apenas com sua guarda pessoal, que na verdade tinha cerca de cinco mil homens. Mas, embora fossem muitos, eles vinham sem armas, mais numa atitude cerimonial do que guerreira.

Encontraram a praça vazia, a não ser por um padre com um missal em uma mão e a cruz em outra. É que o Rei da Espanha havia dado ordens de só derramar sangue dos povos conquistados depois de ter dado a eles a chance de se converter ao cristianismo. Claro que tudo era apenas uma pantomima para justificar o massacre que se seguiria.

Os incas adoravam o sol, Inchi, e, evidentemente, a lenga-lenga do padre não logrou convencê-lo. "Tu dizes que seu deus foi levado à morte, porém o meu está sempre vivo", disse Atahualpa, mostrando o sol que se punha. Disse isso e jogou ao chão a cruz que havia recebido.

O padre dominicano se voltou para Pizarro e deu a deixa para o ataque: "Acabem com eles! Eu concedo absolvição a todos!".

O que se seguiu não estava nem nos mais negros sonhos do Sapa Inca. Canhões começaram a retumbar, matando dezenas de indígenas. Os soldados atacaram a multidão apavorada, aos gritos de "Santiago!", o santo protetor dos combates. Os incas nem mesmo reagiram, tamanha foi a surpresa. O máximo que fizeram foi tentar proteger o imperador, levantando a liteira que o carregava. Como resultado tiveram suas mãos cortadas. Atahualpa só foi poupado porque Pizarro havia prometido a pena de morte para quem o molestasse. Com o Imperador aprisionado, os espanhóis iniciaram o saque do Império.

O objetivo dos espanhóis não era colonizar as novas terras, mas tirar delas todas as suas riquezas e destruir todos os traços do poderoso e organizado povo que vivia naquele lugar. Não só todo o ouro inca foi

mandando para a Espanha, mas também todos os monumentos foram destruídos e a até as múmias dos antigos Sapa Incas foram encontradas e queimadas.

A população local reduziu de sete milhões para 500 mil, tantos foram os que pereceram, vítimas de doenças ou dos trabalhos forçados.

Como resultado da pouca coisa sobrou sobre esse povo que está na base de nossa origem. Hoje um brasileiro comum sabe mais sobre a Grécia antiga que sobre o Império Inca.

O livro da editora Abril é uma boa oportunidade de compreender um pouco melhor essa fantástica civilização em uma edição ricamente ilustrada, com figuras em marca d'água impressas em dourado e texto agradável e envolvente. São 168 páginas de uma agradável história da América do sul.

Se considerarmos a qualidade gráfica (encadernação em capa dura, impressão em policromia e papel cochê), o preço é uma barbada: apenas 38 reais. Só para comparar, a maioria dos livros da série O Senhor dos Anéis, embora sejam em preto e branco e papel normal, custam muito mais do que isso.

O volume faz parte de uma coleção que inclui também os títulos *Egito – a Terra dos Faraós; O Esplendor dos Maias; Roma – Ecos da Glória Iimperial; Os Vikings – Intrépidos Navegantes do Norte; Astecas – Reinado de Sangue e Esplendor e Os Reinos Soterrados da China*.

A história dos templários

READ, Píer Paul. Os templários. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

Os templários protagonizaram um dos momentos mais interessantes da Idade Média. Criada no período das Cruzadas, a ordem dos templários formou um poder religioso, militar e econômico. Depois foram perseguidos pelos próprios cristãos que pretendiam representar. Perseguidos pelo rei Francês Filipe IV, os templários confessaram, sob tortura, blasfêmia, heresia e sodomia. Em 1312 o papa ClementeV extinguiu a ordem.

De lá para cá, os templários passaram a fazer parte da imaginação do ocidente. Wagner mostrou-os com valorosos defensores do Santo Graal na ópera Parsifal. Walter Scott fez deles os vilões do romance

Ivanhoé. Há quem acredite que os Templários ainda existem e engendram um plano para dominar o mundo. Esse é um dos pontos fundamentais da trama de O Pêndulo de Foucault, de Umberto Eco.

Píer Paul Read pretende, em Os Templários, separar o mito da realidade e mostrar a verdadeira face dessa poderosa ordem medieval. Formado em história pela prestigiada universidade de Cambridge, Read volta ao tempos bíblicos e reconstitui a história, passando por todos os personagens e eventos que, de alguma forma, tiveram importância para as cruzadas.

A obra inicia com a história de Jerusalém. Todos os mapas da Idade Média mostravam essa cidade como o centro do mundo. Não é para menos. Ela era a cidade sagrada para três religiões: o cristianismo, o judaísmo e o islamismo.

No século XI, Jerusalém era o principal destino dos peregrinos cristãos. Para muitos, a peregrinação era uma espécie de martírio, que assegurava a salvação a quem fizesse o caminho para a Terra Santa. Às vezes ela era imposta a algumas pessoas como penitência por pecados graves.

A Igreja estimulava a peregrinação, vista como o clímax da vida espiritual do homem cristão.

Mas a viagem era um empreendimento caro e perigoso. A forma mais rápida de chegar à cidade santa era ir pelo mar, de navio, mas havia o perigo dos piratas e dos naufrágios. Por terra, assim que o viajante chegasse penetrasse na Síria islâmica, corria o risco de ser molestado e de ser obrigado a pagar onerosos pedágios.

Os problemas enfrentados pelos peregrinos foram o principal motor da Primeira Cruzada. Mas o Papa Urbano II, ao fazer o apelo aos cristãos para que libertassem Jerusalém da influência dos mouros, tinha na mente outro objetivo: dar vazão ao excesso de energia da classe guerreira francesa.

Na França do século XI a maioria das contendas era resolvida na espada. Eram comuns os ataques às colheitas e aos animais vizinhos.

Ora, pensou o Papa, já que os Francos brigam tanto entre si, por que não coloca-los para pelejar contra um inimigo comum?

A comunicação do Papa ao mundo cristão era a verdadeira convocação de uma guerra santa. Ele prometeu que aqueles que se empenhassem na causa com espírito de penitência teriam seus pecados perdoados e obteriam total remissão das penitências terrenas impostas pela igreja.

O comunicado teve influência avassaladora. O homem da Idade Média vivia com medo real dos tormentos do inferno. Se o Papa oferecia a oportunidade de fugir do inferno matando islâmicos, isso era uma chance para não se perder.

O resultado imediato foi completamente diferente do esperado pelo vaticano.

Não foram os cavaleiros que primeiro atenderam ao pedido do Papa, e sim o populacho. Vários pregadores populares inflamaram os pobres e formaram um exército mal armado e sem disciplina que, sem mais nem menos, partiu para subjugar os sarracenos e libertar Jerusalém.

Piers Paul Read conta que muitas esposas trancavam seus homens para que eles não fossem à cruzada, mas assim que eles ouviam o que estava sendo oferecidos, pulavam pela janela e tomavam a cruz.

O resultado foi catastrófico. Sem saber exatamente o que faziam, os cruzados iam atacando comunidades judaicas que encontravam pela frente, embora os judeus não tivessem qualquer relação com os acontecimentos de Jerusalém. Pode parecer irracional, mas é um comportamento muito semelhante ao do americano que pega uma caminhonete e se choca contra uma mesquita acreditando que todo islâmico é responsável pelos ataques ao Word Trade Center.

A cruzada de Pedro o Eremita teve fim em 21 de outubro de 1096 quando, sob ataque dos turcos, os cruzados foram derrotados e os sobreviventes transformados em escravos.

Melhor sorte teve a cruzada seguinte, que tomou Jerusalém, mas ainda assim a vida dos peregrinos não era fácil. As estradas eram tomadas de salteadores. Para protege-los surgiu a ordem dos Pobres Soldados de Cristo, que mais tarde seria chamada de Os Templários.

É a partir desse ponto que Read se estende mais. Ele conta a história da ordem, dos seus dias de glória à época da perseguição oficial.

Em tempos de guerra santa e luta do ocidente contra o Islã, o livro "Os Templários" é essencial. Um livro para se ler e refletir como o homem não evoluiu. Mudam-se as armas, mas as guerras continuam igualmente irracionais.

Livros de ficção

Carrie, a estranha

KING, Stephen. Carrie, a estranha. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Há uma tendência generalizada entre os críticos mal-humorados em considerar Stephen King um escritor ruim. Essa postura fundamenta-se na idéia de que tudo que faz sucesso não tem qualidade. Os grandes escritores seriam aqueles voltados para pequenos públicos. Mas basta

uma olhada rápida em Carrie, a Estranha (Carrie, 1974), romance de estréia de Stephen King, para perceber o óbvio: esse pessoal não sabe se divertir.

Carrie é uma leitura divertida que, no entanto, não subestima a inteligência do leitor. A narrativa não é linear. A história principal é entremeada por fatos do passado e recortes de revistas de livros, técnica muito usada por grandes escritores pós-modernos. King conta que, na época em que começou a escrever a história, era professor de uma escola de ensino médio. A renda não era suficiente para sustentar a família com dois filhos. Assim, para se manter, ele vendia contos de terror para revistas mensais. Quando uma das crianças aparecia com uma otite, Tabitha, a mulher do escritor, dizia: "Rápido, Steve, pense num monstro!".

No final do ano de 1972, King teve a idéia para um conto sobre uma menina com poderes telecinéticos. A trama era baseada em uma matéria da revista Life sobre uma casa assombrada por poltergeist. Entretanto, os pesquisadores logo descobriram que o caso não tinha nada a ver com fantasmas. O centro do fenômeno era uma menina. Quando ela estava em casa, objetos saíam voando. Quando ela saía, as coisas voltavam a ficar comportadas. A idéia do artigo era de que meninas na puberdade tinham despertado um poder telecinético capaz de mover objetos. Claro, isso chamou a atenção de um escritor que ganhava dinheiro extra vendendo histórias para revistas de terror.

King, na época, morava em trailer com família, e o único lugar disponível para escrever era próximo da máquina de lavar roupa. Ele se sentou lá, colocou a máquina sobre o colo e começou a escrever em espaço um, sem margens, para economizar papel. Quando percebeu que a história estava se tornando maior que um conto, ele a jogou fora. Afinal, ele precisava de dinheiro imediato, e uma novela era muito trabalho. Além disso, um texto desses encontraria maior dificuldade de ser publicado. Carrie não existiria se não fosse Tabitha. Ela foi até a lixeira, limpou o papel e começou a ler. Gostou e incentivou o marido a continuar escrevendo. Ele o fez apenas para agradá-la.

De fato, foi muito difícil encontrar um editor para a história, e o único que aceitou só o fez pensando no sucesso do filme O Exorcista. Para surpresa geral, Carrie, a Estranha se tornou um best seller. Virou até filme, pelas mãos de Brian de Palma, o que projetou King para o Olimpo dos escritores americanos: Hollywood.

King colocou os seus próprios fantasmas na história: duas meninas,

colegas de escolas, ambas já falecidas na época. Uma delas, Tina White, era gorducha e quieta. O fato de usar sempre a mesma roupa fazia dela a vítima potencial de todas as brincadeiras sádicas dos colegas. Era ela que sempre sobrava na dança das cadeiras, era ela que sempre carregava um cartaz dizendo "me chute" colado ao traseiro. A outra, Sandra Irving, era filha de uma fanática religiosa e tinha ataques epilépticos. Usava roupas pudicas e antiquadas. Tudo isso fazia dela um alvo muito bom para a chacota das crianças. Carrie White é uma mistura das duas. Filha de uma fanática religiosa, que a sufoca e a impede de ter uma vida normal, ela é humilhada na escola por ser diferente e por usar roupas estranhas.

A cena inicial do filme é particularmente significativa. Carrie está no banheiro, tomando banho com as outras meninas após as aulas de ginástica. Ela tem dezessete anos e tem sua primeira menstruação. Carrie pensa que está morrendo de hemorragia. As colegas começam a gritar com ela e a jogar absorventes. O episódio demonstra a total ignorância da menina quanto às coisas da vida. Demonstra também a rejeição das outras garotas. Mas demonstra acima de tudo o que Carrie tem de diferente das colegas de King. No ápice da humilhação, um lâmpada estoura, revelando que a menina tem o poder mental chamado telecinésia. Carrie usará isso para se vingar de todos que a maltrataram e humilharam. O leitor sabe disso desde o primeiro momento. A graça não está em adivinhar o final (que, em certo sentido, é óbvio), mas em perceber a textura dos eventos que vão se acumulando até provocar a catástrofe final. Para isso, King se utiliza de fragmentos de livros, de revistas, jornais, de entrevistas que pessoas que conheceram Carrie White. As informações são jogadas ao longo da história, de maneira não-linear. É como montar um quebra-cabeça, mas sabendo que o resultado final será assustador.

Quadrinhos recontam a história de Jack, o estripador

MOORE, Alan; CAMPBELL, Eddie. Do inferno. São Paulo: Via Lettera, 2001.

Em Do Inferno, o capítulo que mostra a morte da primeira mulher em Whitchapel é também o que mostra a concepção de Hitler. De fato, pela data de seu nascimento, acredita-se que o futuro Füller teria sido concebido em agosto de 1888, mesmo mês do primeiro assassinato.

A coincidência não é apenas curiosidade. Alan Moore usa o fato para embasar a idéia principal de sua obra: Jack, o estripador inaugurou o século XX.

O século passado foi caracterizado por ditadores sanguinolentos, que fizeram do assassinato em massa uma arte. Nesse sentido, Jack era apenas um iniciantes. Ele se limitou a estripar algumas prostitutas no bairro mais judeu de Londres. Hitler matou milhões de pessoas. O mesmo vale para os ditadores latino-americanos, como Pinochet no Chile e Médice no Brasil, todos discípulos do assassino de Witchapel.

Do Inferno é, portanto, mais que uma história bem contatada, é, antes de tudo, um veículo através do qual Moore expões suas teses a respeito dos acontecimentos em Londres no final do século XIX.

Para ele, a verdadeira identididade do assassino assassino era uma agente do moralismo inglês, realizando um ritual místico com o objetivo de forjar um século semelhante a ele mesmo: frio e cruel.

Algo impressionante a respeito de Do Inferno é a grande pesquisa feita por seu autor. Moore contatou todos os seus amigos, muitos deles roteiristas de quadrinhos também, que lhe enviaram livros, cópias de obras fora de catálogo, mapas e outras informações.

O resultado é uma das pesquisas históricas mais interessantes de todos os tempos, especialmente se levarmos em conta a forma como é apresentada: através de uma história em quadrinhos.

Os cenários, vestimentas e o comportamento das pessoas são dissecados minunciosamente, tanto que os irmãos Hugges, diretores do versão cinematográfica, não tiveram qualquer trabalho no que diz respeito aos figurinos e cenários: algumas cenas são totalmente tiradas dos quadrinhos.

A pesquisa é tão aprofundada que Alan Moore acrescentou um apêndice no qual detalha as referência bibliográficas utilizadas na elaboração de cada página da história. O autor detalha até as referências sobre a situação climática da Inglaterra na época dos assassinatos.

Lendo a história e o apêndice descobrimos, por exemplo, que, em 1886 Londres sofreu vários atentados a bomba do Movimento Feniano, que lutava pela independência da Irlanda.

O leitor fogoso descobre também que a gíria inglesa para a genitália feminina, na Inglaterra vitoriana, era "Hairy-Ford-Shire", um torcadilho com "Hartfordshire"e que o preço de uma rápida relação sexual era de três pênis. Geralmente o ato consumava-se de encontro a uma parede ou cerca, com ambos os envolvidos em pé, razão pela qual era chamado de "thrupenny uprght" (vertical três pênis). Como método anti-concepcional, a mulher retina o membro do homem entre as coxas, evitando a penetração, claro que sem o conhecimento do cliente...

Com um salário desses, dificilmente as moças conseguiam dinheiro o suficiente para uma cama e acabavam dormindo em bancos de madeira. Para evitar que caíssem, o dono do banco as amarrava e, no dia seguinte, desamarrava quando queria que elas fossem embora, provocando um verdadeiro desmoronar de mulheres.

Detalhes como esses chocam o leitor e o fazem se preocupar com a situação dramática das mulheres no período, muitas das quais se viam obrigadas a ingressas na prostituição como único modo possível de garantir um pouco de comida e um lugar aquecido para dormir.

Harry Potter e o Cálice de Fogo

ROWLING, J.K. Harry Potter e o cálice de fogo. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

A história começa na pequena cidade de Litle Hangleton, mais precisamente na chamada casa dos Ridlle. Numa bela manhã, cinqüenta anos antes, a empregada dos Ridlle entrara na sala de estar e encontrara os três Ridle mortos.

O jardineiro, Franco Bryce, um veterano de guerra, fora preso, acusado do assassinato.

Mas foi solto assim que chegou o laudo. Ninguém jamais vira algo tão esquisito. Nenhum dos Ridlle fora baleado, envenenado, esfaqueado, estrangulado ou sufocado. Na verdade, tirando o fato de estarem mortos, os três pareciam em perfeito estado de saúde.

Franco foi solto e continuou cuidando da residência, embora a maioria dos moradores do povoado continuasse acreditando que ele era o responsável pelo crime.

Passam-se cinqüenta anos e Franco está em sua em seu quarto quando ouve barulhos na casa grande e luzes sendo acesas.

Ele entrou na casa e, no fim de um corredor, deparou com pessoas estranhas conversando. Súbito passa por ele uma cobra de três metros. Franco é descoberto e introduzido no cômodo. Lá ele se depara com duas criaturas estranhas, que os leitores logo reconhecem como sendo Rabicho. E outra, de costas para ele. Quando Rabicho vira a cadeira e o jardineiro olha para seu rosto, este morre instantaneamente.

Valdemort está de volta.

É assim, com clima de triller de suspense que inicia o quarto livro do bruxo mais famoso da literatura infantil: "Harry Potter e o Cálice de Fogo".

O final inovador não serve apenas para dar um frio na barriga do leitor. Serve também para demonstrar que a prosa de Rowling vem

evoluindo a cada livro. Ela sabe fazer seus leitores acompanharem com interesse a história e passarem do medo para o riso.

Se o primeiro capítulo se parece com um filme de terror, o segundo é uma comédia pastelão. Harry Potter está passando as férias na casa de Tio Valter e é convidado a passar o resto do verão com os Weasley, com os quais assisitirá o compeonato internacional de quadribol.

Só que os Weasley vão pega-lo usando como meio de transporte a lareira e a confusão está formada. Quem leu "Harry Potter e a Pedra Filosofal"certamente se lembrará da seqüência em que tio Valter tenta impedir Harry de receber a carta de Hogwarts. A seqüência da lareira é igualmente hilária.

Em suma, um livro para ler como os filhos e se divertir à beça. (I.C.)

Livro inspirou Inteligência Artificial

ALDISS, Brian. Superbrinquedos duram o verão todo. São Paulo: Companhia das Letras

Você é real?

Eu sou real?

Imagine um garotinho de cinco anos tendo a percepção de que não é um ser humano de verdade. Esse é o princípio base do conto "Superbrinquedos duram o verão todo", de Brian Aldiss, que a Companhia das Letras está lançando no livro homônimo.

"Superbrinquedos"já mereceria uma lida apenas por suas qualidades literárias. Mas há um motivo a mais. O conto inspirou Stanley Kubrick e Steven Spielberg a criarem Inteligência Artificial, um dos melhores filmes do ano e desde já um dos clássicos da ficção científica.

O conto narra a história de um garotinho, David, que tenta ser amado pela mãe. O final, que deve ter sido surpreendente na época, perdi muito do impacto para quem assistiu o filme: David não é um menino de verdade, mas um robô criado para entreter uma mulher que não pode ter filho em decorrência do controle de natalidade (os casais para terem filhos são sorteados como numa loteria).

A história chamou a atenção de Kubrick. Aldiss passa todo o Prefácio explicando sua relação com o genioso cineasta.

Aldiss mencionou os três filmes de ficção cientifica de Kubrick (Doutor Fantástico, 2001 e Laranja Mecânica) em seu livro Billion Year Spree (Orgia do Ano Bilhão) no qual considera o cineasta o grande escritor de ficção científica de sua época.

Kubrick, que adorava elogios, telefonou para Aldiss. Depois se encontraram em um restaurante.

Aldiss conta que Kubrick era um perfeito Che Guevara: botas pesadas, traje verde-oliva, boinas enterradas na cabeça e barba.

Em 1982 os dois estavam conversando sobre Guerra nas Estrelas e sobre como histórias bobas podem ser tornar uma forma de arte quando surgiu a idéia de fazer um filme de ficção científica. A idéia era produzir um filme capaz de arrecadar tanto quanto Guerra nas Estrelas, mas, ao mesmo tempo, permitir ao diretor manter sua reputação de homem com consciência social.

Kubrick tinha na cabeça a idéia de que "Superbrinquedos"daria um ótimo filme. Aldiss não concordava, mas, em dificuldades financeiras, acabou vendendo os direitos sobre a história e foi trabalhar com o cineasta no roteiro.

Todos os dias uma limosine aparecia na sua porta e ele era levado ao castelo Kubrick. Este aparecia todo amarfanhado, dizendo: "Vamos tomar um pouco de ar, Brian".

E saíam para o quintal. Mal haviam dado alguns passos, Kubrick já estava resfolegando e eles voltavam para dentro.

Aldiss considera um indício funesto o fato de ter recebido de Kubrick um exemplar ricamente ilustrado da história de pinóquio. "Nunca, jamais, em sã consciência, reescreva contos de fada", escreve o autor.

Ao longo do processo de criação, Aldiss foi produzindo novos contos, em continuação ao primeiro: "Superbrinquedos quando vem o inverno"e "Superbrinquedos em outras estações". Os três contos juntos deveriam conter os contornos do que seria o filme. "Nada de Nova York inundada, nada de Fada Azul. Apenas um drama muito intenso e poderoso de amor e inteligência".

Todos nós sabemos que não foi esse o caminho seguido pelo filme. Spielberg transformou o conto em uma versão hi-tech do mito de Pinóquio e uma jornada em busca da humanidade e do amor de uma mãe.

Se Aldiss estava certo ou não, é uma questão para o leitor decidir. Mas a leitura dos três contos que deram origem ao filme é, sem dúvida, saborosa.

O mesmo pode-se dizer dos outros contos que compõe a coletânea. Reduzir o interesse do livro a "Superbrinquedos" é uma injustiça ao autor (embora, obviamente a Companhia das Letras tenha tido o a idéia de lançar esse livro em decorrência do suceso do filme).

As histórias revelam um humor ácido e, às vezes, negro. É o que acontece, por exemplo, em "Sem Cabeça". Nesse conto um homem decide fazer uma autodegolação em público para arrecadar dinheiro para as crianças famintas da Turcomênia. O fato vira assunto de

discussão e de exploração da mídia, com uma audiência estimada em quase dois bilhões de pessoas e certamente muitos lucros para as emissoras.

Em "I.I.I" lemos o anúncio publicitário de uma empresa de exploração espacial e o extermínio de espécies inteligentes é mostrada como mérito financeiro: "Inteligentes ou não, os flabbers com certeza eram bastante saborosos e muito ajudaram a humanidade – graças à poderosa subsidiária da I.I.I., a Latador".

Num campo que tem grandes expoentes, Aldiss encontrou um caminho próprio. Se Assimov é o rei das tramas bem elaboradas e da divulgação científica, se Bradbury é o mestre da ficção científica poética, Aldiss é um especialista em transformar a F.C. em crítica social.

A origem do Senhor dos Anéis

TOLKIEN, J.R.R. O Hobitt. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Quem assistiu ao filme O Senhor dos Anéis deve ter ficado curioso para saber como Bilbo, o tio de Frodo, conseguiu o anel que dá origem à história e causa tanta confusão. Para esses que querem se aprofundar mais na obra de J.R.R. Tolkien, a Martins Fontes lançou O Hobbitt, o primeiro livro da série.

O Hobbit foi escrito por Tolkien para divertir seus filhos, razão pela qual a linguagem é bastante acessível. Na época ele ainda não tinha idéia de fazer uma grande saga épica, mas o sucesso comercial desse primeiro livro o levou a imaginar a trilogia chamada O Senhor dos Anéis. Quem leu os livros da trilogia vai sentir rapidamente a diferença: nada daquela narrativa angustiada e carregada de suspense. Em O Hobbit predomina o humor. Humor britânico por sinal, difícil às vezes de entender, mas absolutamente delicioso.

Bilbo Bolseiro era o mais pacato dos hobbits e vivia sossegado em sua toca no chão. Uma toca muito confortável, por sinal, com uma porta redonda pintada de verde, mais cozinha, sala, adega e muito mais cômodos. Bilbo nunca quis saber de aventuras, pois elas são desconfortáveis e fazem com que você se atrase para o jantar.

Tudo mudou um dia em que ele estava fumando seu cachimbo na frente da casa e avistou um velho com um chapéu pontudo e uma longa barba. É claro que o velho era ninguém menos que Gandalf, o mago, que colocou na cabeça uma idéia estranha: aquele hobbit poderia ser um

bom ladrão. Bilbo, claro, não gostou nem um pouco da idéia e se trancou dentro de casa, dizendo: "Sinto muito, eu não quero aventuras, muito obrigado. Hoje não. Bom dia! Mas, por favor, venha tomar chá, a qualquer hora que quiser! Por que não amanhã? Venha amanhã! Até logo!". Como todos sabem, ou deveriam saber, pois esse é o tipo de coisa importante de se lembrar, um mago sempre volta quando convidado. E o Hobbit o havia convidado para tomar chá. No dia seguinte, a casa de Bilbo foi inundada por uma verdadeira multidão de anões, com suas barbas azuis e seus capuzes. Todos muito famintos por bolos e chá. Finalmente chegou Gandalf e, depois de grande festa, foi anunciado o plano: roubar um tesouro de um dragão maligno. Quando soube, Bilbo caiu duro no chão. É claro que anões desconfiaram de que ele pudesse não ser o ladrão ideal para a situação, mas Gandalf os acalmou afirmando que Bilbo era feroz como um dragão num aperto.

Claro que, segundo Tolkien, a comparação só podia ser uma licença poética. Nenhum Hobbit podia ser comparado à ferocidade de um dragão, nem mesmo o bisavô do avô de Bilbo, Urratouro, que era tão grande que conseguia montar um cavalo. Esse hobbit era tão valente que, na Batalha dos Campos Verdes, arrancou a cabeça do rei dos Orcs. A cabeça voou longe e caiu numa toca de coelho. Dessa forma a batalha foi vencida e, ao mesmo tempo, foi inventado o jogo de golfe.

Antigamente os anões viviam numa montanha e tinham grande quantidade de ouro e jóias, que trabalhavam com grande maestria.

A grande riqueza acabou chamando a atenção do dragão Smaug, que veio do norte e pousou sobre a montanha em um jato de fogo e incendiou toda a floresta que rodeava a montanha. Os anões tentaram fugir pelo portão principal, mas foram todos tostados. Os únicos que se salvaram foram os que estavam fora e os que saíram por uma porta secreta. Depois disso, Smaug empilhou todas as riquezas e passou a dormir sobre elas, como se fossem uma cama, pois os dragões, embora adorem roubar ouro, pedras e coisas semelhantes, jamais usufruem delas.

Assim, a missão do grupo é entrar pela porta secreta e roubar do dragão tudo que ele furtou dos ladrões. Uma aventura nada fácil, mas muito lucrativa, especialmente para quem sobreviver.

Para terror de Bilbo, que, como eu já disse, odeia aventuras, especialmente as perigosas, lá se vão eles.

No caminho eles encontram trolls, que, como todo mundo sabe, se

transformam em pedras se não se entocam debaixo da terra antes que amanheça, mas durante a noite fazem muitas barbaridades, em especial caçar humanos para comer. Dão de cara com elfos e muitas outras espécies interessantes... e claro, passam por maus bocados.

Como se vê, tudo muito parecido e muito diferente de O Senhor dos Anéis. Parecido porque o livro trata do mesmo universo mágico que transformou o primeiro filme da trilogia em um sucesso. E diferente porque a narrativa é muito menos adulta.

Tolkien brinca com as palavras, sendo muitas vezes irônico e espirituoso, como nos melhores livros infantis. E a trama também é mais simples.

É, portanto, um livro indicado para quem é fã da trilogia do anel e quer apresentar o universo mágico de Tolkien aos seus filhos, incentivando-os na leitura (claro que essa também é uma boa desculpa para você se divertir com mais um livro do mestre inglês).

E, como último comentário, embora a narrativa seja mais infantil, O Hobbit mantém as ótimas e detalhadas descrições, que fazem todo o diferencial de O Senhor dos Anéis. São descrições exatas, mas poéticas, que nos fazem imaginar exatamente como seria um mundo habitado por hobbits, anões, elfos e trolls. Veja um exemplo: "Parecia não haver árvores, vales ou colinas pra quebrar a monotonia do terreno à sua frente, apenas uma vasta ladeira que subia lentamente até encontrar o pé da montanha mais próxima, um trecho extenso, da cor do urze e cheio de pedras se esboroando, com trechos e manchas de verde-grama e verde-musgo, indicando onde poderia haver água".

Relações de sangue

ARGEL, Martha. Relações de sangue. Osasco: Novo Século, 2002.

Imagine que sua melhor amiga é uma vampira. Agora imagine-se no meio de uma trama policial envolvendo mulheres solitárias assassinadas por um falso vampiro. Esse é o enredo de Relações de Sangue, de Martha Argel, lançado recentemente pela editora Novo Século.

O livro vem no vácuo do sucesso da novela O Beijo do Vampiro, mas não se rebaixa ao besteirol, como ocorre com a novela. Martha escreve bem e, apesar de uma outra seqüência de pensamentos um pouco

longa, consegue manter o leitor atento até a última página.

O que Marta Argel traz de inovador para o gênero é absoluta falta de glamour dos vampiros. Eles são mostrados como pessoas normais, com anseios e necessidades comuns (se é que se pode dizer isso de alguém que se alimenta de sangue). Anne Rice já havia feito algo semelhante como seus livros, mas Argel leva a idéia ao extremo. A narrativa os torna tão reais que perdemos completamente qualquer tipo de espanto com suas ações. Como diz a personagem principal: "Mundo real... estranho dizer isso de um mundo onde, de uns tempos para cá, os vampiros tinham passado a ser minhas companhias mais constantes. Não dá para acreditar nisso, né? Vampiros existem. De verdade. Doidera. Se alguém tivesse dito isso para mim uns dois meses antes, eu o teria chamado de maluco".

Um destaque do livro é forma despojada, quase escrita automática, com que ele foi produzido. As frases parecem reproduzir mesmo o pensamento da personagem, o que dá um toque ainda mais cotidiano à trama. Exemplo: "Clara! Deixa de ser besta. Esse cara não é um cara, é um vampiro. Repita comigo: vam-pi-ro".

A trama é bem arquitetada e as seqüências de luta são muito bem descritas. O trabalho gráfico também merece destaque. A capa junta vermelho e preto, com letras em alto relevo, o que é muito apropriado para um livro gótico. O único senão é com relação ao título do livro. Escrito em uma fonte light, ele mal se destaca na capa.

Martha é doutora em ecologia pela Unicamp. Suas atividades profissionais a levam a viajar a todo Brasil pela América Latina. Tem dois livros de contos publicados, além de participar de vários fanzines e revistas de ficção científica, fantasia e terror. Ela também mantém um site pessoal (www.argel.hpg.com.br) e um site da vampira Lucila (www. Lucila.hpg.com.br), personagem de Relações de Sangue. No site, Argel dá o perfil da vampira: "Supõe-se que tenha nascido no longínquo ano de 1677, em algum país mediterrâneo, tendo sido vampirizada antes de chegar aos vinte anos. Sempre foi uma criatura discreta, de forma que é muito difícil traçar sua história e o roteiro de suas viagens. Parece ter passado ao menos os 250 anos seguintes em solo europeu, vindo para a América em algum momento das primeiras décadas do século XX. Inicialmente fixou-se nos Estados Unidos, mas na década de 60 chegou ao Brasil. Desde então mora na cidade de São Paulo. Lucila é do tipo mignon, pequenina e delicada. Tem grandes olhos castanhos, e um olhar inocente que enganaria a mais desconfiada das vítimas".

O site também apresenta outras histórias com Lucila, algumas, inclusive, produzidas por outros escritores.

Borges sensacionalista

BORGES, Jorge Luis. História universal da infâmia. São Paulo: Globo, 2001.

Infâmia, segundo o dicionário: ação ou ato infame. Desonra, ignômia, torpeza.

É justamente casos de desonra, ignômia e torpreza que Jorge Luis Borges pretende coletar no livro "História Universal da Infâmia", relançado este ano pela editora Globo.

A origem do volume remonta a 1933, quando Natalio Botana, para escândalo dos jornais sérios, lançou o periódico "Crítica", de orientação sensacionalista. Como os concorrentes tinham seus cadernos literários, o Crítica lançou a revista Multicolor de los Sábados.

A revista, belamente ilustrada, misturava literatura com jornalismo marrom na tentativa de agradar ao paladar da massa.

Borges, convidado a colaborar, teve de adequar sua prosa a essa demanda. O resultado foi uma mistura de jornalismo com literatura, de fatos reais com imaginários, ao estilo do que fazia Edgar Allan Poe.

História universal da Infâmia reúne histórias de ladrões, piratas, assassinos e mentirosos. Mas não se engane: Borges consegue fazer dessas histórias, típicas do jornalismo marrom (que um intelectual brasileiro definiu muito bem com a frase "se espremer sai sangue") verdadeiras obras de arte da literatura do século XX.

As histórias prendem o leitor pelo inesperado.

É o que ocorre, por exemplo, com "O Atroz Redentor Lazarus Morell". Morell era um pilantra, líder de uma quadrilha que estendia sua atuação por vários estados dos EUA no século XVIII. Sua riqueza vinha de um estratagema simples: ele e seus comparsas convenciam os negros a fugirem das fazendas e lhes providenciavam os meios para a fuga. Quando o negro fugia, ele o pegava e vendia para outro fazendeiro. Era uma mina de ouro.

Morell era tão infame que costumava fazer pregações religiosas que entretiam toda a população de uma cidade enquanto seus comparsas roubavam os cavalos da audiência.

Outra história absolutamente inesperada e que dá o tom do volume é "O Impostor Inverossímil Tom Castro".

Em 1854 naufragou no Atlântico o vapor Mermaid, que ia do Rio de Janeiro a Liverpool. Entre seus passageiros estava o militar inglês Roger Charles Tichborne. A mãe, recusando-se a acreditar na morte do filho, passou a publicar nos principais jornais do mundo anúncios pedindo informaçòes sobre o mesmo.

Tom Castro, um marinheiro inglês filho de açougueiro resolveu se passar por Tichborne. Não poderia existir duas pessoas mais diferentes. Enquanto Tichborne era alto, magro, tez morena, cabelo negro muito liso, e falava com sotaque francês, Tom de castro era baixo, gordo, sardento, cabelos encaracolados castanhos e não falava uma vírgula de francês.

Ainda assim, Castro conseguiu enganar a mãe do militar e grande parte da sociedade inglesa da época. O argumento é que a diferença entre os dois era tão grande que ninguém seria tão doido de se passar por outro sem nem ao menos tentar alguma alteração física. Portanto, aquela criatura completamente diferente só poderia mesmo ser Tichborne mudado pelos ares do Brasil.

Histórias como essa triscam no burlesco. Outras são impressionantes, como "O Tintureiro Mascarado Hakin de Merv". Nela, um profeta aparece com uma cabeça de boi cobrindo o rosto e argumenta que foi visitado pelo anjo Gabriel, que lhe alterou o rosto de tal forma que, quem o visse ficava cego com a beleza divina do mesmo.

Hakin arrebanha milhares de fiéis, cria para si um harém de 100 belas mulheres cegas e coloca em perigo o califado.

A cena em que ele é desmascarado está certamente entre as mais chocantes da literatura universal.

Borges acrescenta ao livro um índice de fontes bibliográficas. Mas apenas para enganar o leitor. A fonte do conto sobre o falso profeta simplesmente não existe, dando a entender que Borges inventou a história.

Essa, aliás, era a principal característica de Borges. Ele tinha intenção de fazer o leitor confudir realidade com ficção no que ficou, mais tarde conhecido como realismo fantástico.

Vale destacar nessa edição o cuidado gráfico que a editora Globo dispensou ao volume. O formato, menos largo que o normal, dá uma elegância indiscutível ao livro. Além disso, a capa traz uma ilustração de Will Eisner, um dos maiores desenhistas de histórias em quadrinhos de todos os tempos. Não há como passar despercebido na livraria. "História Universal da Infâmia"salta ao olhos e chama nossa atenção no meio dos outros livros.

Um cuidado editorial que prestigia a genialidade de Borges, considerado por muitos, inclusive o autor desta resenha, o mais importante escritor do século passado.

Para os leitores brasileiros o livro tem uma atração a mais: o conto "A História dos Dois que Sonharam" que inspirou Paulo Coelho a escrever "O Alquimista".

A Voz do fogo

MOORE, Alan. A Voz do fogo. São Paulo: Conrad, 2002.

Aqueles que, na década de 80, se espantaram com a forma como o escritor inglês Alan Moore revolucionou os quadrinhos com obras como Watchmen e Monstro do Pântano, sempre se perguntaram como ele se sairia sem o auxílio de imagens. Como seria Alan Moore escrevendo literatura? Para os que ainda guardam essa curiosidade, a editora Conrad está lançando A Voz do Fogo, o romance de estréia do mestre inglês.

O livro é uma experiência literária curiosa: contar várias histórias ambientadas no mesmo local, mas em períodos históricos diferentes.

O primeiro conto, O porco do bruxo, é, provavelmente o mais interessante e também o mais difícil de ler. Ele conta a história de um garoto abandonado por sua tribo quando da morte de sua mãe. Mas, veja só, a história se passa no ano 4000 antes de Cristo. Para representar o pensamento do rapaz, Moore criou uma linguagem, uma espécie de inglês primitivo. Essa parte do livro, especificamente, deve ter dado um trabalho hercúleo para a tradutora (vale a pena mencionar

o nome dessa heroína: Ludimila Hashimoto Barros), que, no final, acabou se saindo bem. Ela optou por transformar o texto em um português tosco, sem tempos verbais e muito limitado em termos de pronomes. Um exemplo: "Agora olha eu para baixo, para a grama em fundo da colina, vê porcos. Porcos grandes, compridos, um atrás de outro, traçando a fêmea, pelo que parece. Ver faz um osso subir dentro de eu vontade. Eu e barriga de eu, junto, posso descer colina correndo até porcos, acertar pedra em um e fazer ele sem vida, para comer ele todo. Antes é eu juntando isso. Agora é fazendo isso".

Só por curiosidade: vontade é pênis. Pênis ereto é vontade com osso dentro. Pênis murcho é vontade pequena...

Difícil de ler, como se percebe, mas quem se aventurar descobrirá que vale a pena. Moore revela um impressionante conhecimento de antropologia. A tribo do rapaz é composta de nômades. Ao ser expulso (pois era preguiçoso para procurar comida), o rapaz acaba se deparando com uma outra tribo, que já conhece a agricultura (povo-que-fica, como define o narrador). A diferença entre as duas culturas é gritante. A tribo nômade não tem a menor noção de higiene, ao contrário dos habitantes da aldeia, que, inclusive, reservam um local apenas para necessidades fisiológicas. Além disso, enquanto os nômades passam quase todo o tempo procurando comida, o povo-que-fica, devido à agricultura, dispõe de tempo livre, e começa a usá-lo, inclusive, na produção de arte. Moore imagina até mesmo uma música, que seu garoto troglodita ouve de uma aldeã:

Oh, como agora posso achar companheiro , ele menino-de-viagem é diz
Em beira de vale alto, em escuro de árvore, perto de colina de minhoca-de terra e tudo
E deito com ela enquanto eu ainda não colocado em terra todo cinza
Em beira de vale alto, em escuro de árvore macio
Perto de colina de michoca-terra e curva de joelho de rio
E ali está deitada eles, ele e ela, em baixo de grama e tudo.

A segunda história é igualmente interessante, "Os Campos de Cremação", é uma história policial e de suspense ambientada no ano 2.500 antes de Cristo. Uma menina está viajando para conhecer seu pai, um bruxo de uma aldeia rica, quando se depara com uma viajante e compartilha com ela seu conhecimento sobre as riquezas do pai. A outra, uma esperta, que já havia feito de tudo, inclusive vender uma menina perdida da mãe como escrava, mata-a e se apresenta na aldeia, fazendo-se passar por ela. A grande questão é saber se ela será descoberta ou não. A todo instante Alan Moore nos mantém no fio de

uma navalha, jogando com os nervos da personagem e dos leitores.

Os que se lembram da narrativa poética de Moore em Monstro do Pântano, certamente vão reconhece-la em A Voz do Fogo. Suas descrições são perfeitas e exatas, mas, ao mesmo tempo, deliciosas de ler. Um exemplo: "Folhas cor de bronze formam pilhas encostadas nas árvores que parecem viúvas, ombros expostos e curvados de desgosto, cabeças caídas e cabelos grisalhos tocando a superfície do rio, onde correntes formam orlas prateadas, divididas pelas pontas dos ramos".

As outras narrativas vão avançando no tempo, mas não mudam de lugar: Northampton, a cidade natal de Moore, é o cenário de todas as histórias, que terminam em 1995, tendo o próprio escritor como personagem.

A Voz do Fogo mistura magia, reencarnação e sacrifícios em histórias que, em conjunto, formam um grande romance. Na história Os Campos de Cremação, o velho bruxo tatua no corpo o mapa de Northampton e, assim, através da magia, seu corpo influencia na cidade e a cidade influencia em seu corpo. O mesmo ocorre com Moore, suas palavras são uma espécie de magia simbólica que influencia e é influenciada pela cidade. Compreender como isso funciona e descobrir as coincidências entre as histórias é um dos atrativos do livro. Muitas vezes, a conclusão de uma narrativa se encontra em outra narrativa. Além disso, há personagens fixos, como arquétipos, que surgem aqui e ali, permeando a narrativa. O esperto e o sacrificado são os mais visíveis.

Ler A Voz do Fogo não é fácil, em decorrência da complexidade da narrativa, mas compensa. Há muito tempo eu não devorava um livro tão rápido. Se você também gosta de literatura que exige reflexão, não deixe de ler.

Baudolino e a obra aberta de Eco

ECO, Umberto. Baudolino. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Em Baudolino, Umberto Eco faz o que sempre fez melhor: contar histórias ambientadas na Idade Média. Seu outro grande sucesso, O Nome da Rosa, também acontece na chamada Idade das Trevas e talvez venha daí seu sucesso.

Eco tem outros textos, mais acadêmicos, em que compara a Idade

Média com nossa época e diz que as semelhanças são maiores que as diferenças.

De fato, é grande a semelhança do período em que se passa Baudolino (1152 –1204) e os dias atuais.

Na época reinava na Europa o Imperador Frederico, que gastava mais tempo administrando os conflitos entre as cidades italianas do que com qualquer outra coisa. Da mesma forma, os pequenos países do Oriente Médio têm dado grande dor de cabeça para o todo-poderoso de nossa época, o presidente norte-americano George W. Bush.

E, se os italianos tinham o ouro de seu tempo (as especiarias), os mulçulmanos têm o ouro atual (o petróleo).

"Vale a pena viver nessas terras, onde todos parecem ter feito voto de suicídio, e onde uns ajudam os outros a se matarem?", diz Baudolino, à certa altura do livro. Parece estar falando dos países do Oriente Médio, mas está se referindo à Itália.

Coincidências à parte, o livro vale pela inventividade. A história é contada a partir do relato de Baudolino, um mentiroso por natureza, que acabou sendo adotado pelo imperador Frederico após fazer uma previsão absolutamente falsa: "Quando se diz uma coisa que se imagina, e os outros dizem que é exatamente assim, acaba-se por acreditar nela, afinal. Assim, eu vagava pela Frascheta e via santos e unicórnios na floresta, e quando encontrei o imperador, sem saber quem fosse, falei em sua língua, e disse-lhe que São Baudolino me dissera que ele conquistaria Terdona. Disse-lhe isso para contentá-lo, mas para ele era conveniente que eu o dissesse a todos, e de modo especial aos mensageiros de Terdona, para que eles se convencessem de que também os santos estavam contra eles, eis a razão pela qual me comprou de meu pai".

O livro começa com Baudolino salvando Nicetas, um sábio da corte de Constantinopla à época em que ela foi invadida pelas tropas européias. Nicetas faz um favor a seu salvador: ouve e escreve seu relato, na tentativa de contar a história de uma época.

Mas a empreitada é difícil. Baudolino é tão mentiroso que o sábio não consegue distinguir, entre o que ele fala o que é real e o que é falso. Muitas vezes o que parece real é falso e o que é falso parece real.

Baudolino é uma espécie de Forrest Gump da Idade Média. Com uma

diferença: enquanto Forrest era um tolo, Baudolino é um espertalhão mentiroso.

A graça do livro está justamente aí: em ouvir uma história sem estar certo da idoneidade de quem a conta. De todos os fatos narrados, muitos são mentira e muitos são verdade, mas é impossível separa o joio do trigo.

Baudolino dá a impressão de ter sido escrito para provar uma das teses mais importantes de Eco: a obra aberta.

Na década de 60, quando o mundo das artes era sacudido por uma vanguarda pós-moderna, Eco escreveu um livro definindo o que ele chamou de Obra Aberta em oposição ao que ele chamou de discurso persuasivo, ou fechado.

O discurso persuasivo traz a mensagem pronta para o receptor. O leitor de um livro tem apenas o trabalho de descobrir o que o escritor pretendia com seu livro. Uma única leitura era a permitida.

A obra aberta revolucionava o sentido da arte forçando o receptor a ter participação ativa no processo de fruição. Assim, cada pessoa que lesse um livro ou ouvisse uma música deveria ter um entendimento próprio sobre seu significado. Já não havia mais certezas a serem desveladas. O próprio conceito de realidade é colocado em questão. Pela teoria da relatividade, cada observador teria sua própria interpretação de realidade, dependendo do ponto em que estivesse observando determinado fenômeno.

Da mesma forma, em Baudolino, realidade é o que o protagonista conta, mas ele pode estar mentindo e, assim, a realidade é relativizada. O leitor não deve confiar nem mesmo no narrador.

Mas não é necessário conhecer o conceito de obra aberta para gostar de Baudolino. Eco, como sempre, consegue transformar temas complicados (como a política medieval) em uma leitura deliciosa que envolve uma história policial, lendas medievais, uma expedição em busca do Santo Graal e até uma referência à Alexandria, cidade natal do escritor.

Outro destaque é a capa, belíssima, com impressão em prata.

Um livro para ler e reler e encontrar novos significados a cada nova leitura.

****

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

Professor Ivan Carlo Andrade de Oliveira (pseudônimo Gian Danton) é mestre em comunicação científica e tecnológica pela Universidade Metodista de São Paulo.

É autor dos livros: MANUAL DE REDAÇÃO CIENTÍFICA (CEAP, 2001), MANUAL DE REDAÇÃO JORNALÍSTICA (Faculdade Seama, 2001) e Cultura pop (Faculdade Seama, 2002). É organizador da coletânea Agulha hipodérmica: o poder e os efeitos dos meios de comunicação de massa (Faculdade Seama, 2002). Em 2002 coordenou uma pesquisa com os alunos de jornalismo publicada com o título de Critérios de escolha de notícias no jornalismo amapaense (Faculdade Seama, 2003).

Tem lançado diversos livros eletrônicos pela editora Virtual Books (www.terra.com.br/virtualbooks). Um deles, A divulgação científica nos quadrinhos, foi indicado como livro do mês pela revista Mídia e Educação mantida pela Rede Brasil (www.tvebrasil.com.br/educacao/biblioteca/defaut_1.htm).

É colunista dos sites
Digestivo Cultural (www.digestivocultural.com),
Corrêa Neto (www.correaneto.com.br) ,
Amapá Busca (www.amapabusca.com.br),
Liga Zine (www.ligazine.com.br)
e Amapá Digital (www.amapadigital.com.br).

Atualmente, leciona no CEAP (Centro de Ensino Superior do Amapá) e FAMA (Faculdade de Macapá).

Para corresponder com autor, escreva: ivancarlo@bno.com.br